



Zero Hora, 7 de Abril de 2016

O DIÁRIO DE FHC E A CRISE ATUAL



PEDRO DUTRA FONSECA

Professor titular do Departamento de Economia e Relações Internacionais da UFRGS

O leitor do diário de F. H. Cardoso no período da Presidência depara com relato sobre suas dificuldades com o Congresso. A queixa refere-se à dispersão dos parlamentares, sem lideranças ou valores aglutinadores, com predomínio de interesses difusos e demandas individualizadas. “Nem nacionalismo, nem socialismo, nem desenvolvimentismo, nada”. O resultado era a fisiologia, da qual resultava uma “instabilidade muito grande”.

Pode-se lamentar que, 20 anos depois, a situação só tenha piorado. No cotidiano da prática política, tal problema passa ao largo, pois as coisas vão acontecendo como “ao natural”. Não é o caso das crises. Estas exigem decisões que ultrapassem a lógica do imediato e o olhar pequeno em prol de medidas cujo impacto se mostrará mais no longo prazo. Aí as lideranças representativas se fazem necessárias, bem como os valores comuns, para usar as palavras de inspiração weberiana do sociólogo. E isso não só nas crises econômicas, como hoje, mas também nas políticas – haja vista a par-

ticipação de parlamentares como Tancredo Neves para buscar uma saída negociada na crise que visava impedir a posse de Goulart em 1961 (a “Legalidade”). No caso, a preservação da democracia como “valor” prevaleceu e unificou as várias bancadas, da esquerda aos radicais antitrabalhistas da “banda de música” da UDN.

Pode-se depreender daquela experiência que não é apenas o presidencialismo o vilão, embora o parlamentarismo favoreça soluções negociadas. Nesse sistema, é normal trocar o chefe de governo tendo como motivo apenas mudar a política econômica; o que não é o caso do presidencialismo. A economia, numa sociedade diversificada e complexa, exige instituições e regras de funcionamento não apenas para absorver conflitos, mas, o que é mais importante, capazes de pactuar soluções. A relação entre os poderes na crise atual evidencia tal dificuldade. A reflexão do ex-presidente faz sentido por sua atualidade, pois ajuda ir além das explicações que buscam bodes expiatórios e soluções simplistas que se chocam com valores maiores que precisam ser preservados.